

# Modelos históricos de missão numa sociedade industrial\*

Marlon Ronald Fluck

À memória de minha mãe, estímulo ao estudo acadêmico, Brunhilde Fluck  
\* 20.01.1929 + 02.11.1987

## 1.0 — A sociedade industrial

### 1.1 — Desenvolvimento histórico

A Revolução Industrial tem sido definida como sendo o processo de mudança de uma sociedade organizada em torno de economia agrária para um outro tipo de sociedade, onde a indústria passa a ser o centro organizador da economia. A economia que era do tipo feudal, tendo passado pela fase mercantilista, aporta agora em um processo de evolutiva capitalização, pressuposto básico para o surgimento das indústrias. O país pioneiro é a Inglaterra, onde, de 1780 a 1840, irá ser gestada essa semente transformadora da economia. Torna-se, dessa forma, a “oficina do mundo”<sup>1</sup>. Tal fato ocorreu porque

“A agricultura estava preparada para desempenhar as suas três funções principais numa era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade, de forma a alimentar uma população não agrícola crescente; fornecer um excedente cada vez maior de pessoas para as cidades e para as indústrias; e oferecer um mecanismo para a acumulação de capital a utilizar nos setores mais modernos da economia (Outras duas funções eram

---

\* Palestra proferida a 28.09.87 na III Consulta Teológica Nacional, promovida pela Fraternidade Teológica Latino-americana, na cidade de Rio de Janeiro, sobre o tema “Missões Urbanas”.

1 — HOBBSAWM, E.J. **A era das revoluções**; 1789-1848. 2.ed. Lisboa, Preseça, s.d. (Biblioteca de textos universitários, 21), p. 76.

naturalmente menos importantes na Grã-Bretanha: criar um mercado suficientemente vasto entre a população agrícola — normalmente a grande massa da população — e proporcionar um excedente para as exportações, o que contribui para assegurar importações de capital). Criara-se já um volume apreciável de capital social — o dispendioso equipamento geral necessário para toda a economia poder progredir — nomeadamente com a construção naval, as facilidades portuárias e a melhoria das estradas e canais. A política estava já orientada para o lucro. (...) Tudo o que os industriais tinham de conseguir para serem aceites entre os governantes da sociedade, era dinheiro suficiente”.<sup>2</sup>

O início do processo de mudança dá-se quando surgem alguns novos inventos, resultados de pesquisa humana na busca por técnicas mais avançadas. O primeiro desses, o da máquina a vapor por James Watt, em 1768, quando aplicado ao sistema fabril, dá início à substituição da energia humana pela da máquina. Aquilo que anteriormente se produzia como manufatura começa, pouco a pouco, a ser caracterizado como maquinofatura. A partir daí, começa um novo tipo de relação do homem com o trabalho:

“(...) enquanto a máquina estiver em funcionamento, as pessoas devem trabalhar — homens, mulheres e crianças amarradas ao ferro e ao vapor. A máquina animal está presa por cadeias à máquina de ferro, a qual não conhece o sofrimento nem a fadiga”.<sup>3</sup>

Ao contrário da ferramenta, que apenas facilita o trabalho humano, a máquina substitui-o. À aplicação da máquina de Watt acrescenta-se o desenvolvimento da mineração e da metalurgia, abrindo, assim, as portas para o surgimento da indústria pesada (ferro e aço), o que interfere no melhoramento de todas as indústrias incipientes. A conjugação desses inventos levou à criação de meios de transportes mais velozes e eficazes: navegação com barcos movidos a vapor e transporte através de locomotivas.

“Mal tinha demonstrado a sua viabilidade na Grã-Bretanha (do ponto de vista técnico e financeiro), em 1825-30, e já o mundo ocidental todo começava a planear a construção do caminho-de-ferro (...). A razão está sem dúvida em que nenhum outro

2 — *Id.*, *ibid.*, p.48s.

3 — J.F.C.HARRISON, ap. BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Tudo é história, 52). p.96s.

invento revelou ao cidadão comum, de forma tão categórica, o poder e a velocidade da nova era; uma revelação tornada ainda mais sensacional com a notável maturidade técnica mesmo das primeiras linhas de caminho-de-ferro (Na década de trinta era já possível atingir velocidades de cerca de cem quilômetros horários). A estrada de ferro por onde deslizavam cobras com plumas de fumo à velocidade do vento, através de países e continentes, cujas margens e ramais, pontes e estações formavam um conglomerado de construções, remetendo para o provincianismo as pirâmides e os aquedutos romanos e até a Grande Muralha da China, eram o verdadeiro símbolo do triunfo tecnológico do homem.”<sup>4</sup>

Por volta de 1870, todo o continente europeu estava dotado de um novo sistema de comunicações, geralmente construído com capital britânico: as estradas de ferro. O mundo estava aberto para a expansão acelerada do industrialismo. As coisas vão começar a acontecer com velocidade. A partir dos anos 40, a expansão vai se dar a nível de Bélgica e França. Após suas unificações políticas, em 1870, Alemanha e Itália experimentam um evidente progresso industrial, destacando-se a primeira, visto possuir um desenvolvido envolvimento com a mineração de ferro e carvão já de longa data. Em fins do século XIX, já supera a Inglaterra na produção de aço e produtos químicos. Em fins desse século, Rússia, Estados Unidos e Japão vêem também a implantação da revolução industrial.

O meio dos cristãos reagirem diante do maquinismo pode ser pelo menos ilustrativo para a nossa busca por uma missiologia contextualizada na época que nos toca viver. Diante da industrialização não é possível tentar o caminho do saudosismo, através do refúgio no passado, ou aderir a um pessimismo inativo. O processo é inexorável: estamos no meio dele e temos de acordar para a realidade, a não ser que queiramos ser levados a reboque pela “locomotiva” da história, tornando-nos, assim, “produtos alienígenas deslocados na paisagem tropical”<sup>5</sup>.

## 1.2 — Efeitos da Revolução Industrial

A inovação que representou a Revolução Industrial trouxe consigo efeitos perceptíveis em todo o processo de desenvolvimento do progresso técnico.

4 — E.J.HOBSBAWM, op.c., p.66.

5 — Tomo emprestada uma expressão cunhada na Consulta sobre Cristologia, auspiciada pela Fraternidade Teológica Latino-americana: DOCUMENTO de Porto Alegre. **Boletim Teológico**, São Leopoldo, 2(6): 43, 1986.

### 1.2.1 — Capitalização e proletarização

O surgimento das indústrias pressupõe progresso técnico, o que, por sua vez, somente se viabiliza com a existência de capital disponível, visto que todo progresso técnico tem de ser pago de uma forma ou de outra. Pode-se dizer, portanto, que a capitalização está na origem da industrialização, mas, ao mesmo tempo, como a evolução técnica é um processo dinâmico que tem se desencadeado através dos séculos, a capitalização é efeito da industrialização. Levanta-se a pergunta: A partir do que se consegue a acumulação desse capital? Exatamente a partir do trabalho daquele que será submetido à máquina: o proletário. Em rápidos traços poder-se-ia estabelecer o axioma: Não há industrialização sem tecnicização; não há tecnicização sem capitalização; não há capitalização sem proletarização. O capital a ser acumulado surge pela absorção da diferença entre o valor de troca do trabalho (aquilo que o trabalhador recebe como salário a fim de poder reproduzir a força de trabalho de formas a estar "pronto" para trabalhar no outro dia: o salário mínimo para ter sobrevivência) e o valor real do trabalho (aquilo que se ganha pela venda das mercadorias produzidas pelo trabalhador, o que será um valor muito acima). A diferença entre esses dois valores é o valor suplementar (mais-valia), que, então, está disponível para capitalização e investimento. É nesse sentido que Ellul dirá que "os que fazem avançar a ciência são burgueses"<sup>6</sup>. O progresso técnico não dispensa a acumulação de capitais.

Cabe aqui esclarecer o conceito de "proletário", que surge, pela primeira vez, no Império Romano:

"Quando os censores romanos introduziram a palavra 'classis' para dividir a população em grupos diferentes para efeito de pagamento de impostos não devem ter previsto o futuro acidentado dessa categoria. (...) em um extremo estavam os 'assidui' (...), no outro extremo estavam os 'proletarii', cuja única propriedade consistia em sua numerosa descendência — 'proles' — e que eram superados apenas pelo 'lumpenproletariado' dos 'capite censi', contados pelas cabeças."<sup>7</sup>

6 — ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. (Rumos da Cultura Moderna, 12). p.56.

7 — DAHRENDORF, Ralf. **As classes e seus conflitos na Sociedade Industrial**. Brasília, UnB, 1982. (Pensamento Político, 28). p.15s.

O conceito, no entanto, evolui, de formas que não é o mesmo que “pobre”. Ellul esclarece-nos que

“Marx não se interessou pelos pobres como tais, e não baseou sua análise da sociedade numa oposição entre ricos e pobres. Para ele, proletário não é equivalente a pobre. O proletário é aquele que, por um lado, é espoliado da totalidade de seus meios de vida pelo crescimento do capital e, por outro lado, não tem outra saída para sobreviver senão vender sua força de trabalho ao capitalista. Mas, como o capitalismo produz a totalidade das condições humanas de vida na nossa sociedade, o proletariado é aquele que acumula em si a totalidade das características negativas desta sociedade. O capitalismo utiliza máquinas e se encarna na indústria, o proletário será submetido à máquina, sendo exclusivamente um operário da indústria. O capitalismo concentra mão-de-obra e provoca uma urbanização acelerada, o proletário será exclusivamente um homem da cidade. Para Marx, não há proletários no campo. O capitalismo, para obter a força de trabalho necessária, arranca os camponeses da terra e os arrasta para um meio artificial; o proletário será um homem **desenraizado** e que perdeu sua pátria. Disso resulta que o proletário é um homem sem cultura, pois foi retirado do seu meio natural tradicional e não pode ter acesso a uma cultura de tipo burguês, divulgada pela escola e pelos jornais. Os salários do proletário não permitem que ele viva verdadeiramente, devendo sua mulher e, desde muito cedo, seus filhos se ligarem ao trabalho industrial; também a duração do trabalho, tão longa quanto possível, proíbe ao proletário viver uma vida de família “normal”, quer dizer, o proletário é aquele que não tem família. O trabalho na fábrica, além de penoso e arriscado, faz com que o proletário não possa levar uma vida saudável: ele não tem saúde ... Assim, o proletário é um homem desenraizado, explorado, urbanizado, sem pátria, sem família, sem cultura, sem saúde, reduzido a um ‘apêndice da máquina’ ...”<sup>8</sup>

Como podemos ver, então, a capitalização, pré-requisito para o progresso tecnológico, torna-se viável basicamente através da espoliação e dominação sofridas pelo operariado industrial. Esse é o processo

---

8 — ELLUL, Jacques. **Mudar de revolução**; o inelutável proletariado. Rio de Janeiro, Rocco, 1985. p. 13s. Veja-se também RÉMOND, René. **O século XIX**; 1815-1914. São Paulo, Cultrix, 1986 (Introdução à história de nosso tempo, 2), p. 103-8.

que caracteriza as sociedades que queiram evoluir tecnologicamente falando, sejam capitalistas ou socialistas<sup>9</sup>.

### 1.2.2 — Aceleração do processo de urbanização

Enquanto no período da manufatura era possível produzir tudo em casa, agora as máquinas já não podem ser levadas para casa: têm de ficar em um lugar, visto que a locomoção das mesmas é inviável e também precisam ficar protegidas contra aqueles que, eventualmente, queiram destruí-las, pois vêem nelas um inimigo que tira o sustento de muitos. A partir do século XVIII, portanto, surgirão as cidades industriais. Como é necessário um contingente de pessoas dispostas a atuarem nas indústrias provoca-se o êxodo rural, acelerando-se, assim, a urbanização. A atomização produzida como resultado da revolução de 1789, que dissolveu corporações, ordens religiosas e que se voltou contra a própria família, colaborou muito para a perda de raízes com a destruição das estruturas tradicionais de vida rural, permanecendo unicamente o Estado, força interessada diretamente pela ascensão da indústria. Londres, por exemplo, terá um crescimento populacional de 1.873.676 hb, em 1841, a 4.232.118 hb., em 1891. Evidentemente, um grande resíduo populacional estará aí, sempre à disposição como reserva, a espera de qualquer tipo de emprego, o que possibilita a maior espoliação imaginável. É! Realmente, a cidade é teatro da sociedade tecnológica e suas contradições.

### 1.2.3 — Aumento da produção e divisão social do trabalho

O surgimento de novas técnicas trouxe consigo o aumento da produção, o que, no entanto, não vem a diminuir a jornada de trabalho que, naquela época, é de 14 a 18 horas diárias. Por outro lado, enquanto antes havia um rodízio de tarefas e ritmo de trabalho, agora tem de se seguir o ritmo mecânico e monótono da máquina. A divisão social do trabalho significou especialização profissional: a rotina torna-se uma constante. A continuidade do trabalho, envolvendo inclusive domingo e dias festivos, tornou-se, inclusive, meio de descristianização, visto que impossibilitou a participação nas práticas eclesiais. Tensões psicológicas de todo tipo resultam dessa superatividade monótona, mecânica e, muitas vezes, perigosa e realizada em condições insalubres.

---

9 — Cf. Jacques ELLUL, **Mudar de revolução**, p.32-137. Ellul demonstra irrefutavelmente, seguindo Marx, a impossibilidade de uma sociedade passar a uma economia do tipo socialista, vindo diretamente de um modo de produção feudal. As tentativas históricas têm revelado que, necessariamente, tem-se de, então, gerar industrialização, surgindo também aí um proletariado.

### 1.2.4 — Incremento ao comércio e surgimento de combinações financeiras

O capital necessário para investir na busca por novas técnicas que vieram a desencadear a Revolução Industrial era acumulação conseguida por comerciantes, envolvidos no desencadeamento do mercantilismo, que vinha se desenvolvendo nos séculos XVI e XVIII. Desde os inícios, comércio e indústria estão, portanto, vinculados. Com a melhora nos meios de transporte, os fretes diminuem de preço, o que dá possibilidade de oferecer os produtos a preços reduzidos, o que incentivou a demanda, incrementando o comércio. O mundo vai se tornando uma unidade econômica. O comércio exterior é estimulado.

Da mesma forma, começam a acontecer as conjugações de indústrias, aparecendo os trustes, cartéis e monopólios.

Acredito que, com o acima exposto, tenha conseguido caracterizar, de uma forma artesanal, a sociedade industrial. Cabe-me, agora, expor o referencial teórico de leitura que utilizo:

## 2.0 — O conceito de missão

Para ler a história e discorrer acerca de modelos históricos de missão, necessário se faz esclarecer a partir de que conceito de missão está se partindo. Ao definir a missão cristã hodierna acredito que é essencial que se o faça a partir da Cristologia. O cristão, como alguém que está **em** Cristo (Rm 8), tem o compromisso de iniciar por este ponto de referência. O próprio evangelho, em Jo 20.21, demanda-o: “Assim **como** o Pai **me** **enviou**, eu também vos envio”. Mas, como deu-se esse missionar crístico? Mt 4.23s descreve-o como desdobrando-se em “pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças...”: evangelização e cura aparecem como ênfases essenciais. Em alguns momentos, Cristo somente pregou, em outros, somente curou, e, em outros, os dois aspectos estiveram acontecendo em um mesmo encontro. Daí, deduzo que Cristo escapa às padronizações plenipotenciárias. Evangelização, entendida como chamado à uma fé viva e a um relacionamento pessoal comprometido com o Cristo, e engajamento social, no sentido amplo de assistencial-promocional, terapêutico, político e comunal (At 2 e 4), são ambos mandato do evangelho. Entendo que

“Nosso próximo não é uma alma incorpórea para que possamos limitar-nos a amar sua alma, nem tampouco é um corpo

sem alma, para que possamos ocupar-nos somente de seu bem-estar físico, nem tampouco um corpo com alma isolado da sociedade. Deus criou o homem, que é meu próximo, como um corpo com alma, integrado em uma comunidade. Portanto, se amamos a nosso próximo tal qual Deus o fez, inevitavelmente teremos de ocupar-nos de seu bem-estar total — o bem de sua alma, de seu corpo e de sua vida comunitária. Mas, no entanto, é esta visão do homem como ser social, tanto como psicossomático, que nos obriga a agregar a dimensão política à preocupação social. A atividade humanitária se ocupa das vítimas de uma sociedade enferma. Nós teríamos de ocupar-nos da medicina preventiva ou da saúde comunitária também, o que significa a busca de estruturas sociais melhores, nas quais a paz, a dignidade, a liberdade e a justiça estejam asseguradas para todos os homens. Não há razão que nos impeça de, na perseguição desta tarefa, unir forças com todos os homens de boa vontade, ainda que se dê o caso de que não sejam cristãos.”<sup>10</sup>

No meu entender a evangelização e a ação social são companheiras que se pertencem, apesar de serem independentes. Cada uma existe sem precisar uma ser o meio para chegar à outra. Ambas são expressão de um amor autêntico. Negar essas duas dimensões seria diluir o evangelho, parcializar o testemunho. Estou ciente de que uma alma sem corpo não passa de um fantasma, mas, ao mesmo tempo, de que um corpo sem um alma não passa de um cadáver.

Tendo tido essa visão panorâmica do conceito de missão que adoto nesse estudo, podemos passar ao específico:

### **3.0 — Modelos históricos de missão numa sociedade industrial**

#### **3.1 — Johann Hinrich Wichern e a missão interna<sup>11</sup>**

Wichern, filho de um escrivão empobrecido, ficou órfão aos quinze anos, sendo então auxiliado em seu sustento por um movimento de despertar espiritual da cidade de Hamburgo. Estudou teologia (1829-31), sendo que, ao formar-se, assume a direção de uma escola dominical em um bairro pobre, tendo, a partir daí, um contato profundo com a pobreza, até então inimaginável na proporção que está ocorrendo. Torna-se, então,

10 — STOTT, John. *La misión cristiana hoy*. B.Aires, Certeza, 1977. p.37

11 — o relato sobre Wichern é baseado em: LATOURETTE, Kenneth Scott. *Christianity in a revolutionary-age; a history of christianity in the nineteenth and twentieth centuries*. N.York, Harper & Brothers, 1959. v.2. p.102-6.



“familiarizado com as condições da nova classe trabalhadora dos subúrbios, reconhecendo o grande abismo que os separava e as multidões que cresciam rapidamente de trabalhadores diurnos e a separação dessas multidões da igreja, que ministrava às classes respeitáveis, deplorava a decadência moral, especialmente nas relações maritais, e a triste sorte das crianças no proletariado urbano.”<sup>12</sup>

Abriu um lar para meninos desfavorecidos e abandonados, na Rauheshaus, numa propriedade rústica num subúrbio de Hamburgo. Junto com sua mãe e irmã, reuniu meninos vagabundos, a maioria sendo ilegítimos e com conflitos com a polícia (fichados), e tentou dar-lhes uma formação profissional, além de inserí-los em uma comunidade cristã, na qual muitos foram transformados. Wichern queria fazer daquela casa um modelo do reino de Deus, um local de terapia e testemunho cristão. Os meios usados por Wichern foram amor, confiança, vida comunitária, treinamento para se auto-manterem, desenvolvimento do auto-respeito e caráter firme. O alvo da reeducação era a transformação da personalidade ao modelo de Cristo. Wichern treinou pais adotivos, sendo que a maioria desses provinha das classes camponesas e de artesões, e cada um tinha de possuir uma profissão que lhes possibilitasse trabalhar para sua auto-manutenção caso surgisse a necessidade. Eram capacitados no campo pedagógico, tinham de possuir comprometimento existencial com a fé cristã e uma ética coerente, bem como ser membros ativos da igreja evangélica. Tais obreiros, preparados por Wichern, serviram também em lares de resgate, orfanatos, hospitais, asilos para epiléticos e deficientes mentais, como pregadores leigos, professores de pobres, e alguns serviram nas prisões prussianas.

Em 1848, no dia da igreja em Wittenberg, oferece-se a oportunidade para Wichern apresentar um programa para uma frente unida alemã protestante, uma resposta evangélica aos problemas sofridos pelo operariado alemão. Vem à tona, dessa forma, um “Manifesto Protestante”, no qual,

“Na base do princípio protestante do sacerdócio de todos os crentes, ele desejava alistar os leigos e o clero para a construção do reino de Deus. Ele propunha fazer isso através do recrutamento de missionários para ganhar para uma fé cristã viva as massas batizadas e nominalmente cristãs. Ele esperava fazer de cada paróquia uma verdadeira comunidade através da in-

---

12 — Id., *ibid.*, p. 103.

dução de cristãos a amarem uns aos outros. Ele esperava superar a desunião protestante. Isso queria fazer através do evangelismo espiritual e através de levar os leigos a formarem associações voluntárias para ministrar às necessidades materiais dos homens (...) Wichern fez um provocante discurso no qual descreveu as necessidades entre os trabalhadores, entre o proletariado urbano, entre os trabalhadores temporários que trabalhavam nas estradas de ferro e nos canais, entre os prisioneiros das prisões e o desafio da rápida expansão de uma cosmovisão materialista popularizada. Ele declarou que os tempos clamavam por uma grande campanha de amor para regeneração da vida interna da nação, que a igreja (...) tem de levar o evangelho a todas as classes e, se as pessoas não vão à igreja, a igreja deve ir às pessoas.”<sup>13</sup>

Como resposta ao desafio, é criada a Missão Interna. Wichern passa a envolver-se, a partir de então, na promoção e organização de várias instituições que vão surgindo como resultado de uma resposta do povo evangélico diante dos desafios. Pouco a pouco, as províncias e estados da Alemanha vão sendo atingidos, sendo que se organizam muitas sociedades da Missão Interna. Todas essas estavam unidas num Comitê Central, que coordena a missão em todo o país. Infelizmente, Wichern não chegou a integrar uma acentuação no aspecto político-estrutural à sua visão e prática missiológica, o que se deve em grande parte a uma visão positiva do estado como canal da graça, ao lado da igreja e da família. Imagino que isso seja herança absorvida da teologia de Lutero, na qual o estado aparece como uma das ordens da criação, desempenhando o papel de instrumento da ordem preservadora de Deus<sup>14</sup>. Apesar disso, Wichern deve ser visto como alguém que preparou a igreja para desdobramentos futuros do labor missionário, de formas que, em cima do trabalho realizado por ele, outros puderam desenvolver militâncias políticas engajadas. Criava-se, como passo primeiro, uma sensibilidade para com o estado do proletariado alemão. Wichern participou ainda, em 1857, da reforma do sistema de prisões da Prússia<sup>15</sup>. Latourette sintetiza a amplitude do engajamento dos envolvidos com a Missão Interna, dizendo:

13 — Id., *ibid.*, p.105.

14 — Discuto com mais vagar este aspecto político da teologia de Lutero em: FLUCK, Marlon Ronald. *Hermenêutica em Lutero; um estudo fundamentado em "À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão"*. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 26(2): 151-6, 1986.

15 — Cf. STEINMETZ, David C. Wichern, Johann Hinrich (1808-1881). In: DOUGLAS, J.D.(ed.). **The new international dictionary of the christian church**. 6.ed. Gran Rapids, Zondervan, 1985. p.1045.

“Entre as diversas atividades estava a circulação de Bíblias, tentativas para uma melhor observância do domingo, o cuidado espiritual dos trabalhadores nas estradas de ferro que se expandiam, a multiplicação de pregadores itinerantes e de colportores para a divulgação de literatura cristã, a promoção da arte cristã através do encorajamento de jovens pintores interessados e da popularização de pinturas com temas sagrados, o apoio a movimentos contra o excessivo uso de bebidas alcoólicas, campanhas contra a vagabundagem, loterias, prostituição, lares de resgate para prostitutas e mães solteiras, o cuidado de prisioneiros e de apenados que foram soltos, a organização de grupos jovens cristãos, no providenciamento de asilo para marinheiros alemães em portos, tanto na Alemanha como no estrangeiro, trazer à existência associações voluntárias para o cuidado de doentes, providenciar cuidado espiritual para alemães residentes em outras terras e emigrantes alemães, e tentativas para alcançar os educados, por um lado, e os trabalhadores nas muitas novas fábricas, por outro lado.

Em 1862, após diversos anos de planejamento, o ‘Paulinum’ foi aberto, em Berlim, como uma instituição para treinar jovens a serem teólogos e professores de escola. O que ficou conhecido como ‘Herbergen zu Heimat’ (casas de alojamento para artesãos itinerantes) havia sido um sonho de Wichern. (...) Esses lares combinam os confortos de uma estalagem com uma atmosfera religiosa. Cada uma tinha um ‘Hausvater’ que recebia um salário fixo e que dirigia as orações na manhã e à noite, cuja assistência era voluntária. (...) Esses lares eram auto-suficientes. (...) No começo do século XX, tais casas eram em número de cerca de quinhentas. Parecidas com essas casas, mas ainda assim diferentes delas eram as colônias para trabalhadores, destinadas a cuidar de mendigos que não tinham trabalho e que estavam se multiplicando e eram fonte de deteriorização moral e crime. Na década de 1880, mais que uma vintena dessas lares foram iniciados.”<sup>16</sup>

### 3.2 — Friedrich von Bodelschwing e a missão de Bethel

Bodelschwing nasce numa família pietista, sendo que seus pais consagram-no para que sirva a Deus. Tem contato com a fé cristã através da meditação diária exercitada por seus pais. Depois de ter tentado a carreira de mineiro, desiste por problemas de saúde. Trabalha durante algum tempo como administrador, até que é vocacionado para o ministério. Já durante o tempo de estudante, envolve-se com os problemas dos mendigos que batem à porta da casa de seu irmão, indo visitá-los,

16 — Kenneth Scott LATOURETTE, op.c., p.107.

descobrimo, assim, a situação sub-humana em que vivem<sup>17</sup>. A partir dessas experiências, chega à conclusão de que não é dando esmolas que pode ajudá-los, e nem prendendo-os, como fazia o estado, mas sim providenciando-lhes emprego<sup>18</sup>. Em 1869, acontece-lhe uma experiência que vai marcá-lo profundamente: de 12 a 25 de janeiro falecem quatro de seus filhos, acometidos de forte tosse. Todos morrem conscientes, mas também convictos de que Cristo os salva em meio ao sofrimento. Em 1872, é convidado a assumir o lar de epiléticos de Bethel, que havia sido aberto em 1867. Era uma experiência completamente nova, visto que, naquela época, a praxe era abandonar os epiléticos em hospícios. Bodelschwingh tem convicção de que o servo da palavra de Cristo precisa estar disposto a ser amigo e ajudador de pobres, doentes e fracos. A fé infantil de um rapaz doente mental ou de um agricultor epilético é uma experiência que supera tudo que a universidade pode oferecer<sup>19</sup>.

“A partir de sua própria experiência, Bodelschwingh sabia que este serviço inferior é a melhor escola prática preparatória para o anúncio da palavra de Deus. Aqui, não se está em frente à miséria, mas sim no meio dela, não se vê somente de fora, mas pega junto com mãos auxiliaadoras. Isto o anunciador da palavra de Deus deveria aprender, para poder depois ir à frente da sua comunidade com bom exemplo e também tornar outros solícitos para cada serviço.”<sup>20</sup>

No trabalho com os epiléticos, Bodelschwingh coloca como primordial a pessoa do doente. Dedicase à poimênica. Falando de sua atuação global como cura d'almas, pode-se constatar que

“Quem vinha a ele com uma dor, um desejo, um pedido, nunca saia inconsolado. Ele sempre dava algo. Era natural que ele não podia satisfazer todos os pedidos que eram feitos a ele. Mas, sem nada nunca se ia dali, (...) algo cada um recebia junto. (...) Mas, onde ele abraçava alguma coisa, ali ele colocava toda a sua pessoa, talvez também toda sua paixão.”<sup>21</sup>

---

17 — Cf. BODELSCHWINGH, Gustav v. **Friedrich von Bodelschwingh; eine Geschichte seines Lebens**. 3.ed. Berlin, Furche Verlag, 1924/5. p.110s.

18 — Cf. BUNKE, Ernst. **Vater Bodelschwingh; Blätter der Erinnerung**. 3. ed. Berlin, Berliner Stadtmission, 1910. p.30.

19 — Cf. Gustav v. BODELSCHWINGH, op.c., p.294.

20 — SENF-LOBETAL, Ernst. **Bodelschwingh; ein Lebensbild für unsere Zeit**. 5.ed. Giessen, Brunnen Verlag, s.d. p.73.

21 — Gustav v. BODELSCHWINGH, op.c., p.357 e 359.

As pessoas precisam ser valorizadas como são. O engajamento por elas deve ser motivado pelo amor. O amor não estabelece pré-requisitos. O auxílio a alguém deve persistir, mesmo que a pessoa se mostre cética à mensagem cristã.

Para Bodelschwingh, a comunidade é o núcleo da ação. Os desafios levados adiante são assumidos pela comunidade de Bethel. É assim que acontece a construção de albergues, colônia para desempregados, casa para trabalhadores da cidade. Envolvem-se com necessitados em muitas partes do país. Bodelschwingh torna-se, inclusive, membro da câmara de deputados, cargo que quer desempenhar para trazer benefícios legais aos que estão mendigando de cidade em cidade, sem emprego<sup>22</sup>. Quer que o pequeno tenha novamente sua própria casa e pedaço de terra para plantar<sup>23</sup>.

De acordo com a concepção de reino de Deus que possuía, Bodelschwingh cria que, quando da "parusia", tudo seria destruído, com exceção do que foi feito de acordo com a vontade de Deus. O trabalho entre pobres e insignificantes está entre essas exceções, visto que Cristo identifica-se com os sofredores. Somente quem valoriza e age para o melhoramento desse mundo saberá valorizar e agir com vistas ao vindouro<sup>24</sup>.

O conceito de missão transparece claramente quando Bodelschwingh fala sobre o conflito que estava havendo entre os partidários da missão externa, que visava a evangelização de outros povos, e a missão interna, voltada ao auxílio assistencial e político aos necessitados do próprio país:

"Do mesmo modo como vocês não podem separar a mão direita da esquerda sem criar uma mutilação, assim também vocês não devem separar a missão externa e a missão interna. Uma não pode viver sem a outra, ambas precisam se ajudar reciprocamente, pois são irmãs."<sup>25</sup>

Bodelschwingh foi coerente: agiu em ambas. Externamente, na missão para a África. Internamente, Bethel foi um dos mais notáveis grupos de instituições vinculadas à Missão Interna. Diaconisas, diáconos e pastores formados em Bethel vão tanto para outros centros na Alemanha,

22 — Cf. Id., *ibid.*, p.441-51.

23 — Cf. Id., *ibid.*, p.290.

24 — Cf. Id., *ibid.*, p.290.

25 — Friedrich von BODELSCHWINGH, *op. Ernst SENF-LOBETAL*, *op.c.*, p.74.

como também para países estrangeiros<sup>26</sup>. O traço mais marcante que fica, a partir do estudo desse modelo, é o serviço no campo da terapêutica ao lado do labor evangelístico.

### 3.3 — Adolf Stoecker e o Partido Cristão Social Operário

Outra pessoa envolvida na busca por solução cristã para os problemas gerados pela revolução industrial na Alemanha foi Adolf Stoecker (1835-1908). Tem consciência da alienação dos trabalhadores da igreja e do crescimento do materialismo e ateísmo. Stoecker é defensor da unidade nacional, mas também luta pela emancipação da igreja de sua situação de tutela por parte do Estado e de sua identificação com as classes dominantes<sup>27</sup>. Em seu labor pastoral Stoecker trabalhou em estreita vinculação com a Missão Interna, em especial no tempo que esteve em Metz, até que, em 1874, foi chamado para trabalhar em Berlim<sup>28</sup>. Em 1877, cria a Missão Urbana de Berlim, que também se vincula à Missão Interna. Torna-se cada vez mais consciente da situação dos proletários e da

“derrota dos métodos existentes de pregação e de cuidado pastoral para alcançá-los e de sua convicção de que as atividades caritativas associadas às igrejas eram apenas pagamentos parciais da dívida devida a eles pelas classes governantes. Stoecker chegou à conclusão de que ele e seus companheiros da Missão Interna estavam perseguindo os problemas políticos e sociais básicos e de que a Igreja Protestante e a monarquia prussiana estavam perdendo o apoio das classes trabalhadoras.”<sup>29</sup>

Stoecker encontrava-se diante de uma convicção política pessoal de que, daí para a frente, dar-se-ia um conflito básico: ou possuir-se-ia uma visão cristã do mundo ou não<sup>30</sup>. E, como “a fé cristã implica também no conhecimento dos verdadeiros princípios organizadores (ordenadores) desse mundo”<sup>31</sup>, ela também se reconhece desafiada a atuar concretamente na organização da sociedade. Mantendo coerência entre

26 — Cf. Kenneth Scott LATOURETTE, op.c., p.108.

27 — Cf. Id., ibid., p.123.

28 — Cf. GRESCHAT, Martin. Adolf Stoecker und der deutsche Protesantismus. In: BRAKELMANN, Günter et alii. **Protestantismus und Politik**; Werk und Wirkung Adolf Stoeckers. Hamburg, Hans Christians Verlag, 1982. (Hamburger Beiträge zur Social - und Zeitgeschichte, 17). p.23s.

29 — Kenneth Scott LATOURETTE, op.c., p.123.

30 — Cf. BRAKELMANN, Günter. Adolf Stoecker und die Sozialdemokratie. In: BRAKELMANN, Günter et alii., op.c., p.102.

31 — Id., ibid., p.103.

teoria e prática, criar-se-á, em 1878, na cidade de Eiskeller, o Partido Cristão Social Operário, cujo programa é o seguinte:

“Princípios gerais:

- I — O Partido Cristão Social Operário está fundamentado sob a fé cristã e o amor ao rei e à terra natal.
- II — Ele rejeita a atual social-democracia como não prática, não cristã e não patriótica.
- III — Ele pretende uma organização amistosa dos trabalhadores para, em relação com os outros fatores da vida do Estado, iniciar as necessárias reformas práticas.
- IV — Ele persegue como alvo a redução do abismo entre ricos e pobres e a obtenção de uma maior segurança econômica.

Algumas exigências:

I. Nos auxílios estatais

**A. Organização dos trabalhadores**

- 1. Criação de associações conforme o campo de trabalho distinto, mas que atinjam a totalidade do reino e, acoplada a isso, uma regulamentação do sistema de aprendizes (estágio).
- 2. Instalação de um tribunal arbitral obrigatório.
- 3. Implantação de um montepio de pensão que garanta o futuro de viúvas e órfãos, assim como inválidos e velhos.
- 4. Autorização às distintas associações, conforme o campo de trabalho, para representação dos interesses e da justiça dos trabalhadores frente aos seus patrões.
- 5. Obrigação das distintas associações, conforme o campo de trabalho, no sentido de responsabilizarem-se pelo estabelecimento de contrato de compromisso para com os trabalhadores.
- 6. Controle do estado dos balanços das distintas associações conforme o campo de trabalho.

**B. Proteção do trabalhador**

- 1. Proibição do trabalho dominical. Supressão do trabalho de crianças e de mulheres casadas nas fábricas.
- 2. Dias normais de trabalho modificados pelas distintas associações conforme o campo de trabalho.
- 3. Aspirações enérgicas da internacionalização dessas leis de proteção aos trabalhadores, até chegar a esse alvo de suficiente amparo do trabalhador nacional.
- 4. Proteção das massas de trabalhadores contra as condições insalubres nos locais de trabalho e habitações.
- 5. Restauração das leis sobre usura.

**C. Empresas estatais**

- 1. Empresas cordiais de trabalhadores, de propriedade estatal ou municipal, existentes e dessas dimensões, até onde seja economicamente conveniente e tecnicamente admissível.

#### D. Impostos

1. Imposto complementar progressivo como compensação para contrabalancear ou como imposto produtivo indireto.
2. Impostos progressivos sobre herança de grandes bens e parentesco distante.
3. Imposto da bolsa.
4. Altos impostos sobre o luxo.

#### II. Ao clero

A participação amorosa e ativa em todas as aspirações que se orientam para a melhoria do bem-estar físico e espiritual, bem como para a elevação ético-religiosa da totalidade do povo.

#### III. Sobre as classes possuidoras de bens

Um pronto ir de encontro a favor da legítima demanda das pessoas não de posses, especialmente por meio da influência sobre a legislação, com vistas àquilo que há por ser feito: elevação dos salários e abreviação do tempo (horas) de serviço.

#### IV. Sobre a auto-defesa

A. Apoio dedicado das distintas associações conforme o campo de trabalho como compensação daquilo que nas corporações era bom e útil.

B. Valorização da pessoa e da honra das profissões, banimento de toda brutalidade feita com prazer e assistência, em espírito cristão, à vida familiar.<sup>32</sup>

Como podemos ver, Stoecker "luta contra os filhos do iluminismo político, contra liberalismo e socialismo"<sup>33</sup>. Tanto o socialismo, quanto o liberalismo são vistos como movimentos financiados e insuflados pelos judeus, pelo menos a nível de Alemanha. Na mesma situação encontra-se também sua análise sobre o capitalismo<sup>34</sup>. O internacionalismo do socialismo é visto como infidelidade com relação à pátria<sup>35</sup>.

A crítica ao capitalismo era radical. Diz que se trata de "um feudalismo pior que o da Idade Média. O capital produz maravilhas, mas às custas da satisfação da classe dos trabalhadores. A máquina produz mais barato, faz, no entanto, dos trabalhadores, escravos"<sup>36</sup>.

32 — ap. Günter BRAKELMANN, op.c., p.114-6.

33 — Id., ibid., p.103.

34 — Cf. Id., ibid., p.105.

35 — Cf. Id., ibid., p.108.

36 — Adolf STOECKER, ap.Id., ibid., p.99.



## Na sua crítica ao socialismo, Stoecker

“polemiza não contra os alvos dos socialistas radicais, mas exclusivamente contra os meios para sua execução. Articula-se aí o medo de uma revolução sangrenta”.<sup>37</sup>

Stoecker encontra-se sob o impacto da experiência da Comuna de Paris e da articulação do programa de Gotha.

Falando sobre os resultados da militância política de Stoecker, Latourette diz:

“Stoecker foi criticado tanto da parte da direita como da esquerda e teve pouco apoio, ou nenhum, de seus colegas de ministério, por que os últimos afirmavam que seu chamado era para pregar e para cuidar das almas. Os sociais-democratas opunham-se a ele, às vezes, violentamente. A liderança oficial da igreja queria que ele se retirasse da política. (...) Ele foi membro da Dieta prussiana, de 1879 a 1898. De 1881 a 1893, ele tinha assento no Reichstag do Império, e foi reeleito para isso em 1898. Por algum tempo, Bismarck tolerou-o como um possível meio de dividir as forças socialistas.

As atividades arrojadas de Stoecker não podiam fazer outra coisa do que continuar a criar inimigos. Em 1890 ele foi despedido de seu posto de pregador da côrte. Em 1896 ele foi forçado a sair do Partido Conservador porque os senhores de terra protestantes da Prússia, que eram a retaguarda do partido, não toleravam a sua defesa do trabalhador rural. Ele também perdeu o apoio de alguns dos jovens socialistas cristãos. Em 1896, o imperador Guilherme II declarou: ‘Stoecker está terminado, como eu predisse há alguns anos atrás. Pastores políticos são impossíveis ... Pastores devem cuidar das almas de suas congregações e incrementar o amor ao próximo, mas devem deixar a política sozinha por que isso não é o seu negócio’.”<sup>38</sup>

### 3.4 — Wilhelm Weitling e a Liga dos Justos

Em 1834, refugiados alemães formavam, em Paris, uma associação intitulada “Liga dos Proscritos”. Essa Liga, composta por colonos e artesões alemães exilados por motivos políticos, tinha uma composição mista de radicais e democratas, admiradores da Revolução Francesa. Um ano depois, em 1835, chegava em Paris o alfaiate Wilhelm Weitling

37 — Id., *ibid.*, p.94.

38 — Kenneth Scott LATOURETTE, *op.c.*, p.124.

(1808-1871), que se torna membro da mesma. Em 1836, os elementos mais radicais, com o desenvolvimento de sua visão política, chegando já a constituir um tipo de visão socialista, separam-se da Liga dos Proscritos, formando a intitulada Liga dos Justos, associação secreta internacional que luta por superação de situações de fome e injustiça e que possuía ramificações na França, Alemanha, Suíça e Inglaterra. Surgia, então, o “núcleo primitivo do movimento revolucionário alemão”<sup>39</sup>, que será reconhecido por Engels como “o ‘primeiro movimento operário internacional’, e que produziu muitas das pessoas que tomaram o papel dirigente na Associação Internacional dos Trabalhadores”<sup>40</sup>. Desde o princípio, a Liga terá como proposta primordial a comunhão de bens comunista. Weitling irá tornar-se o principal ideólogo da mesma. Ele escreve, em 1838, o livro “Die Menschheit wie sie ist und wie sie sein sollte” (A Humanidade como ela é e como deveria ser), no qual procura demonstrar a possibilidade deste comunismo. Em sua concepção de comunismo fazem parte:

“eliminação do dinheiro, comunidade de bens, ‘situação equiparada da vida de todos’, eliminação das fronteiras nacionais e conagraçamento generalizado para constituir uma ‘Liga Familiar da Humanidade’”.<sup>41</sup>

Em 1839, devido a um levante ao qual se associara, a Liga precisou transferir sua sede para Londres. Ela tornava-se cada vez mais internacional. “Nos cartões de membro estava o lema: ‘Todos os homens são irmãos’, em pelo menos vinte línguas”<sup>42</sup>. Em 1842, Weitling publica “Garantien der Harmonie und der Freiheit” (Garantias da harmonia e da liberdade) que, “durante longo tempo, foi o catecismo dos comunistas alemães”<sup>43</sup>. Nesse escrito, a propriedade e o dinheiro são descritos como a raiz de todos os males:

“Por que mente o jornalista, por que rouba o ladrão, por que o comerciante engana e por que o advogado defende uma causa má? Tudo por causa do dinheiro ... Por que o dono do

39 — PETITFILS, Jean-Christian. **Os socialismos utópicos**. São Paulo, Círculo do Livro, 1984. p.134.

40 — ENGELS, Friedrich. Para a história da liga dos comunistas. In: **MARX ENGELS**; obras escolhidas em três tomos. Lisboa/Moscovo, Avante/Progresso, 1985. v.3. p.192.

41 — HOFMANN, Werner. **A história do movimento social dos séculos 19 e 20**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984. (Tempo Universitário, 77). p.77.

42 — Friedrich ENGELS, op.c., p.197.

43 — HEINES, ap. Werner HOFMANN, op.c., p.77. Os elogios de Marx a essa obra de Weitling são citados em: Friedrich ENGELS, op.c., p.195s. Também aparecem em: FEDOSSEIEV, P.N.(ed.). **Karl Marx**; biografia. Lisboa/Moscovo, Avante/Progresso, 1983. p.126.

restaurante falsifica a bebida, o camponês o leite e a manteiga, e por que o padeiro prepara o pão muito pequeno? Tudo por causa do dinheiro ... Por que existem pessoas que ensinam, escrevem e agem contra os seus deveres, a sua consciência e as suas convicções? Por causa do dinheiro."<sup>44</sup>

Weitling sonha com o advento de uma sociedade socialista em que estejam presentes a igualdade econômica e a democracia política. Não consegue descrevê-la como imutável. Politicamente falando, "uma sociedade completa e integral não tem um regime, mas uma administração"<sup>45</sup>. Analisa a realidade tendo ciência de que um processo de luta de classes está em andamento. O caminho para a nova sociedade passa pela revolução, na qual a queda das atuais instituições está implícita. Nessa revolução os "Lumpenproletariat" serão os elementos mais decisivos<sup>46</sup>.

Em 1844, para escândalo dos "ortodoxos", Weitling escreve o "Evangelium des armen Sünders" (Evangelho do pobre pecador)<sup>47</sup>. Aí, Weitling aponta para o comunismo religioso dos camponeses do século XVI como modelo, sendo que Thomas Müntzer torna-se, então, o protótipo do líder revolucionário<sup>48</sup>. Desde então, Weitling e a Liga dos Justos querem agir no sentido de uma revolução democrática e abolir a propriedade, a fim de estabelecer-se uma nova sociedade à luz das experiências da vida em comum dos primeiros cristãos (At 2 e 4). Querem, em suma, concretizar política e economicamente seu moto: "Todos os homens são irmãos".

Evidentemente, essa tentativa de retorno a um comunismo cristão primitivo trouxe reações contrárias. Engels denomina Weitling, desde então, como pregador de "comunismo paleocristão"<sup>49</sup>, enquanto Marx denomina seu interesse em criar um comunismo baseado na fraternidade cristã como "ruminações sobre o amor"<sup>50</sup>.

---

44 — Wilhelm WEITLING, ap. Werner HOFMANN, op.c., p.78. As colocações de Weitling são muito próximas a 1 Tm 6.10a.

45 — Wilhelm WEITLING, ap. Werner HOFMANN, op.c., p.79.

46 — Cf. FEDOSSEIEV, op.c., p.127; Jean-Christian PETITFILS, op.c., p.134.

47 — Cf. Friedrich ENGELS, op.c., p.201. Optei pelo título como mencionado por Engels, visto que viveu o momento e dificilmente mencionaria erroneamente um livro existente na época. Petitfils menciona "pescador", em vez de "pecador". Cf. Jean-Christian PETITFILS, op. c., p.135.

48 — Cf. Jean-Christian PETITFILS, op.c., p.135.

49 — Friedrich ENGELS, op.c., p.208.

50 — MARX, ap. Jean-Christian PETITFILS, op.c., p.135.

Já desde 1843, Engels estava sendo convidado por Karl Schapper, um dos líderes da Liga, a fazer parte da mesma, mas esse, por razões estratégicas, recusou<sup>51</sup>. Engels mesmo descreve o modo dele e Marx conduzirem tal estratégia:

“(...) oralmente, por carta e pela imprensa, influíamos sobre as perspectivas teóricas dos membros mais significativos da Liga. Para isso serviam também diversas circulares litografadas que nós em ocasiões particulares enviávamos aos nossos amigos e correspondentes pelo mundo, quando se tratava de coisas internas do Partido comunista que se formava. Nestas, a Liga esteve ela própria, por vezes, em jogo.”<sup>52</sup>

Dessa forma, Marx e Engels foram convencendo as lideranças da Liga de que suas idéias eram as únicas corretas. Marx, em 1845, já havia articulado, “de um modo acabado, (...) a sua teoria materialista da história”<sup>53</sup>, que consegue “vender” aos líderes da Liga em Londres e em Paris.

Em 1846, Marx e Engels fundaram o Comitê de Correspondência Comunista de Bruxelas. O alvo era, através da criação de vários comitês nacionais,

“Organizar uma vasta propaganda das idéias comunistas, reforçar os laços com os operários avançados e os intelectuais revolucionários (...), conseguir, através de trocas de opiniões, a unidade de concepções e elaborar um plano de ação único.”<sup>54</sup>

Weitling é convidado a fazer parte. Tendo chegado em Bruxelas,

“Marx e Engels fizeram tudo o que puderam para o ajudar a assimilar os fundamentos da concepção científica do mundo. Mas foi trabalho perdido. De uma susceptibilidade mórbida, convencido da sua infalibilidade, Weitling permanecia surdo a todos os argumentos.”<sup>55</sup>

---

51 — Cf. Friedrich ENGELS, op.c., p.200

52 — ENGELS, op.c., p.200.

53 — Id., ibid., p.199.

54 — P.N.FEDOSSEIEV, op.c., p.124. Quanto aos Comitês de Correspondência Comunista, veja-se também: CHÂTELET, François et alii. **História das idéias políticas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p.127s.

55 — P.N.FEDOSSEIEV, op.c., p.127. Veja-se também: Friedrich ENGELS, op.c., p.200s.

Para a sessão de 30 de março de 1846, Marx convidou o escritor russo Pavel Annenkov a participar. Exatamente nessa sessão, as diferenças entre ambos tornaram-se conflito aberto, que Annenkov narra:

“Vê-se Engels, ‘de elevada estatura, apumado, distinto como um inglês’; Marx, com a sua ‘cabeça de leão’, coberta de basta cabeleira negra, as mãos ‘cobertas de pelos’, o traje ‘mal abotoado’, as maneiras desajeitadas e nada mundanas, mas orgulhosas com um tom de desprezo, as de um homem que, não obstante os seus vinte e oito anos, já tem ‘o direito e a energia de exigir respeito’. Ouve-se Marx, de voz vibrante e metálica, feita para emitir ‘juízos radicais sobre os homens e as coisas, para pronunciar palavras imperativas que excluem toda contradição. Esse tom de **ditador democrático**, diz Anienkof, empregando a respeito de Marx tal expressão, ‘exprimiu a convicção profunda de que lhe cabia a missão de dominar os espíritos e de prescrever-lhes leis’. A entrevista se encerra por uma violenta cólera de Marx contra Weitling, quando este tenta justificar o seu agir, baseado na ‘idéia de justiça, de solidariedade e de amor fraterno’, ousando lançar um sarcasmo a respeito das ‘análises de gabinete, desenvolvidas longe do mundo sofredor e dos tormentos do povo’. Desferindo então na mesa um murro tal que a lâmpada treme, exclama o ditador intelectual: ‘Jamais a ignorância serviu a alguém.’

Era assim que, eliminando metodicamente, e brutalmente se necessário, todas as heresias, Marx e Engels remodelavam os grupos comunistas segundo as suas próprias opiniões doutrinárias. No decurso do verão de 1847, um primeiro congresso, reunido em Londres, decide a constituição de uma **Liga dos comunistas**, ‘associação internacional de trabalhadores’, naturalmente clandestina. Em setembro surgia uma **Revista Comunista**, com a epígrafe: **Proletários de todos os países uni-vos**. Era a nova divisa que substituía a antiga, ‘todos os homens são irmãos’, demasiado impressa de cristianismo, de ‘devaneio amoroso’ e debilitante. Lia-se nesse primeiro número — que seria também o último:

“Não somos negociantes de sistemas ... Não somos comunistas que pretendem realizar tudo pelo amor ... Não somos comunistas que pregam desde já a paz perpétua, enquanto por toda parte se armam os nossos adversários para o combate. Não somos comunistas que julgam possível, logo após um combate vitoriosamente sustentado, introduzir-se como que por encanto a comunidade dos bens ... Não somos comunistas que querem aniquilar a liberdade pessoal e fazer do mundo uma grande caserna ou uma grande oficina ...”<sup>56</sup>

Diante da reprimenda recebida, Weitling retira-se de Bruxelas em fins de maio de 1846. Marx é apoiado em sua visão pela liderança da Liga em Londres, mas Weitling é seguido na Suíça, em Paris, em Hamburgo e outros lugares<sup>57</sup>. Em agosto de 1846, Engels vai a Paris para criar ali um Comitê de Correspondência Comunista, tendo esse como uma de suas funções "combater a influência de Weitling"<sup>58</sup>. Em novembro de 1846, o organismo central da Liga escreve uma mensagem em que se fala da

"necessidade de criar um 'partido de força' (...). A mensagem sugeria que se examinassem questões táticas efetivamente importantes: a atitude em relação às diferentes camadas da burguesia, aos partidos não proletários, etc. Propunha-se a convocação de um congresso comunista internacional para o começo de maio de 1847."<sup>59</sup>

Os dirigentes da Liga, encontrando problemas na elaboração do programa para o congresso, pedem ajuda a Marx e Engels. Os dirigentes autorizam que se convidem ambos a se tornarem membros da Liga e que se procure seu auxílio na elaboração do programa para o congresso. Marx acolheu com reserva a proposta de membresia, mas, quando percebeu que estavam dispostos a organizá-la segundo o seu programa, resolveu aceitar o convite, juntamente com Engels<sup>60</sup>.

---

56 — CHEVALIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas**; de Maquiavel a nossos dias. S. Paulo, Agir, 1986. p. 284s. A biografia editorada por FEDOSSEIEV narra o confronto também a partir do relato de Annenkov, deixando de lado, no entanto, alguns aspectos sublinhados por Chevalier. Salientou que Marx:

"Especificou que 'dirigir-se ao operário sem idéias rigorosamente científicas e sem doutrina positiva era brincar à propaganda, brincadeira tão fútil quanto desonesta, que presunção, de um lado, um profeta inspirado e, do outro, unicamente burros ouvindo-o de boca aberta'. Quando Weitling, espicaçado por estas observações, apresentou os partidários da teoria revolucionária como sábios de gabinete, afastados da vida, como doutrinários insensíveis aos sofrimentos do povo, Marx não aguentou e, saltando do lugar, gritou com cólera: 'Nunca a ignorância ajudou fosse quem fosse!'

Ao contrário de Weitling, Marx considerava indispensável **limpar** o movimento comunista dos elementos que pregavam doutrinas vulgares e ultrapassadas. **Exigia** que os aderentes ao movimento compreendessem a ordem sucessiva das tarefas revolucionárias, a inevitabilidade de uma revolução burguesa na Alemanha, em vez de se entreterem, como Weitling, com as quimeras de um advento imediato do comunismo."

P. N. FEDOSSEIEV, op. c., p. 128. Os grifos são meus.

57 — Cf. id., *ibid.*, p. 129.

58 — Id., *ibid.*, p. 134.

59 — Id., *ibid.*, p. 142.

60 — Cf. id., *ibid.*, p. 142s.

A data do congresso é adiada de maio para junho, o que possibilita que Marx e Engels "ajudem" os membros da direção londrina a enriquecer o pensamento com relação a outros socialismos. No congresso, realizado em Londres, de 2 a 9 de junho de 1847, Marx "não pode estar presente", mas deixou "instruções pormenorizadas" ao grupo de Bruxelas sobre como agir<sup>61</sup>. É dado um passo na tentativa de articular um programa da Liga, visto que se considera o "Esboço de uma profissão de fé comunista", elaborado por Engels, como base a partir da qual dever-se-á elaborar o programa. O congresso adota as decisões pré-fabricadas por Marx:

"A decisão do congresso de **excluir** da Liga os **partidários de Weitling** proclamava a incompatibilidade do reconhecimento dos dogmas sectários e utópicos com a filiação numa organização proletária.

O congresso decidiu **renunciar à antiga divisa**, demasiado vaga — "Todos os homens são irmãos!" —, que foi substituída pelo grande apelo sugerido por Marx e Engels — "Proletários de todos os países, uní-vos!"<sup>62</sup>

Convoca-se um novo congresso da Liga, agora já denominada "Comunista", para fins de novembro e inícios de dezembro de 1847, sendo que os grupos locais deveriam discutir sobre o "Esboço ...". Nesse congresso, Marx faz-se presente. Discute-se a nova doutrina.

"Toda contradição e dúvida foram finalmente resolvidas, os novos princípios foram aprovados por unanimidade e Marx e eu fomos encarregados de elaborar o Manifesto"<sup>63</sup>

Em fevereiro de 1848 estava publicado o "Manifesto do Partido Comunista". O novo grito de batalha internacionaliza-se: "Proletários de todos os países, uní-vos!"

Marx e Engels conseguem seu intento de

"utilizar como núcleo do partido proletário em formação, uma organização operária internacional já existente, refundindo-a totalmente, segundo os padrões da nova doutrina".<sup>64</sup>

---

61 — Id., *ibid.*, p.143.

62 — Id., *ibid.*, p.145. Os grifos são meus.

63 — Friedrich ENGELS, *op.c.*, p.203.

64 — P.N.FEDOSSEIEV, *op.c.*, p.143.

A Weitling, humilhado e derrotado, somente restava retirar-se da militância revolucionária ativa. Ele vai tentar praticar sua utopia. Vai aos EUA, que tinha então fama de país livre, em 1847, para tentar, com alemães imigrados, a criação de comunidades alternativas. Funda, em 1850, uma liga operária e cria um jornal de propaganda ("A república dos trabalhadores" — 1850-1854). Tenta criar cooperativas operárias e artesanais e procura instalar colonos numa comunidade de Wisconsin, chamada "Communia".

Era, assim, exterminada a tentativa mais radical de articulação de uma militância cristã revolucionária: o socialismo cristão de Weitling.

Permanece como desafio a assertiva engeliana de que

"a menos que acreditemos na revelação sobrenatural, temos de admitir que nenhum princípio religioso bastará alguma vez para escorar uma sociedade abalada."<sup>65</sup>

#### 4.0 — Teses com vistas à missão na sociedade brasileira

4.1 — No Brasil, o processo de industrialização deu-se de 1930 a 1980. O início do mesmo ocorreu de forma diferenciada. A acumulação primitiva européia deu-se por outras vias. Aqui, temos toda a problemática da fuga de capital para os países em relação aos quais os industriais brasileiros mantinham (e mantêm) uma relação de dependência. Essa situação conduziu à uma tomada de posição: O estado brasileiro banca a industrialização, assume o endividamento como meio necessário para que o "milagre" se torne possível (veja-se a política adotada pelos governos Juscelino Kubitschek e pelos militares). Por outro lado, na Europa do século XIX não houve o fenômeno da industrialização da agricultura, o que em nosso contexto tem se dado com profusão. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação social (MCS) têm desempenhado um papel de destaque na brutal desestruturação da cultura, do sistema rural brasileiro. A "indústria da cultura" (no sentido em que o conceito foi cunhado pela Escola de Frankfurt), que vende seu produto através dos MCS, **exige** que, em nosso contexto, fale-se em urbanização como um modo de vida, e não mais a partir do arcaico conceito espacial de cidade. A industrialização, que na Europa achava-se inexoravelmente vinculada ao espaço chamado "urbano", aqui é fato comum também ao campo. A cidade, entendi-

---

65 — ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: **MARX ENGELS**; obras escolhidas em três tomos. Lisboa/Moscovo, Avante/Progresso, 1985. v.3. p.126.



da como local em que se dá a reprodução da força de trabalho<sup>66</sup>, encontra-se também no campo. Onde chegou a recepção de algum MCS, o rural, propriamente dito, já não mais existe. Na verdade, tudo é urbano, tudo é industrial, tudo é afetado pela indústria cultural. Outro aspecto peculiar da revolução industrial brasileira é que a mesma se dá praticamente ao mesmo tempo que a revolução da informática, sendo que, aquilo que na Europa aconteceu dentro de um processo evolutivo, aqui está ocorrendo em simultaneidade, o que gera tensão. Basta ver a manifestação do operariado organizado (sindicatos) sobre o assunto da robotização para perceber o sentido de urgência de um estudo mais exaustivo acerca da revolução industrial brasileira e a necessidade de uma missiologia concernente. Esse estudo não quer ser mais do que uma proposta de pauta para nossa agenda teológica.

4.2 — Vistas as limitações (por que não dizer impossibilidades?) do simples transplante de modelos de missão cunhados na latitude européia, julgamos justo o resgate da consciência histórica do povo cristão. Muitas vezes deixamo-nos intimidar pelas rotulações impostas aleatoriamente ao povo de Deus e conformamo-nos em ser vistos como portadores “perpétuos” da bandeira da alienação sócio-política, perdendo, com isso, todo senso de dignidade, à medida que conhecemos apenas uma história DESFIGURADA da Igreja, que nos foi inculcada depois de ter sido passada pelos (in)devidos filtros ideológicos.

4.3. — Como pesquisador da história do cristianismo, sinto-me forçado a sublinhar a prioridade máxima da evangelização e sua completa congruência para com o engajamento social transformador. Confesso-me completamente protestante diante da tentativa crescente de rotulação da mesma como sendo alienante. Deus é e continuará sendo pessoal, a menos que queiramos capitular, aderindo a um completo imanentismo, cujos princípios religiosos, como já disse Friedrich Engels, jamais poderão escorar uma sociedade abalada. O que falta à igreja brasileira é o acrescentar do engajamento social transformador, e não o abandono do “*proprium*” de sua missão (o evangelismo).

4.4 — Enquanto cursava o mestrado em teologia, alguém lançou a pergunta: Se encontrarmos, em plena via pública, um violentado, não seria cristão deixá-lo morrer, sem assistência, a fim de que o povo, mais rapi-

---

66 — Para ampliar a visão acerca desse conceito de cidade, veja-se: CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 506p.

damente, se conscientize da necessidade da revolução? O questionamento, ao qual o autor, aparentemente, já dera sua resposta positiva, levou-me a uma profunda análise da perspectiva evangélica do engajamento social. Em determinado momento, reconheci-me preso à Escritura no que narra acerca do bom samaritano, onde Cristo desafia ao amor concreto. Apesar de reconhecer a profunda crise de legitimidade em que se encontram os projetos de assistência social desenvolvidos pelas nossas igrejas, o modelo apresentado por Cristo como crítica ao teólogo acadêmico que a questionara (Lc 10.25) foi o de alguém que não teve tempo, num primeiro momento, para elaborar grandes elocubrações acerca das causas estruturais da violência que ocorria no caminho entre Jerusalém e Jericó. Abandonar a perspectiva assistencial-promocional do engajamento social da igreja significa reforçar a anomia em que se encontra o proletário, sofrendo maior da violência do sistema<sup>67</sup>, o que significa

---

67 — A violência aparece de forma multifacética na relação industrialização-migração-proletarização-urbanização. O movimento migratório torna-se viável não apenas porque a cidade, efetivamente, atrai pessoas, mas também porque tais são expulsas da região agrária: o pequeno agricultor é expulso de suas terras, quer-se a extinção da agricultura de subsistência a favor da produção voltada à exportação (para saldar aquilo que o governo bancou de nossa industrialização), estimula-se a monocultura e a mecanização. Através de sua política agrícola, o governo produzirá o problema da inchação das cidades e a crescente favelização, que é a outra face da mesma moeda. O fluxo migratório é consequência lógica do sistema econômico adotado. Os migrantes tornam-se, assim, uma massa de trabalhadores jogados de um lado para o outro, de acordo com a “necessidade” da economia.

“O migrante — que atualmente soma uma cifra de 40 milhões de brasileiros — é, portanto, deslocado de um lugar para outro, segundo as necessidades e interesses econômicos.

Essas correntes migratórias são dirigidas onde se concentram os interesses dos privilegiados. Para isso servem-se de passes gratuitos, de construção de estradas estrategicamente traçadas, de instalação de aparelhos de televisão em praças públicas de pequenas cidades do Nordeste, enfim, da propaganda em geral.

**Lógica e propositadamente**, esse contingente populacional em contínuo vai-e-vem pelo Brasil não é absorvido pelo mercado de trabalho. Os empregadores têm assim um grande poder de ‘barganha’ na contratação de trabalhadores, que devem aceitar os preços impostos pelos detentores da riqueza.”

BASSEGIO, Luiz & GONÇALVES, Alfredo. “Os condenados do sistema”. In: CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS: **Migrantes: êxodo forçado**. São Paulo, Paulinas, 1980. p.71. O grifo é meu.

O migrante agricultor, não preparado para a divisão social do trabalho, terá de vender sua força de trabalho a preços baixíssimos. Ganhando pouco, a única saída será a favelização, o que normalmente significa andar horas de ônibus até chegar ao emprego: tempo gasto a favor do trabalho, mas nunca remunerado como tal. O migrante sofre violência. É a violência que se manifestou no processo que o expulsou da terra em que habitava e o conduziu para a selva de pedra, em que sobrevive/rasteja.

“A migração se apresenta como um fenômeno global que abrange dois pólos: o pólo de saída e o pólo de chegada. A problemática rural e a urbana não são duas realidades estranhas que caminham paralelamente. O processo de espoliação no campo, através das lutas pela posse da terra, de formação de latifúndios, da implantação do sistema capitalista no campo, do processo de meca-

mantê-lo sem forças e sem dignidade para organizar-se para defesa dos seus próprios direitos. É impessoalizar o amor pessoal de Deus, do qual devemos ser reflexo. No entanto, manter o assistencial sem integrar os demais aspectos do engajamento significa legitimação da alienação que foi imposta. Temos de recuperar a visão integradora no engajamento social, articulando uma assistência que sirva como alavanca para a transformação político-estrutural da sociedade brasileira.

---

nização e do favorecimento das grandes empresas nacionais e estrangeiras, não é uma realidade estranha ao arrocho salarial, às más condições de vida, à falta de infra-estrutura e aos conflitos sociais que desencadeia. É fundamental perceber que **existe uma unidade básica** em toda esta problemática."

PEGORARO, José. Migração, fato político. In: CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS. **Migrantes: êxodo forçado**. São Paulo, Paulinas, 1980. p.104. O grifo é meu.

Pelo visto acima, temos de falar em violência **na** cidade, e não meramente **da** cidade, como se fosse produto unicamente da aglomeração maior de pessoas em determinado espaço. O mesmo vale para a análise social: fazemos análise das relações sociais na cidade, em especial. Na cidade é que estão, em seu maior número, aqueles que passaram pelo processo de violentação que os tornou proletários e que os conduz à violência, concretizando-se, dessa forma, uma da leis da violência: a da reciprocidade ("violência gera violência").

Cf. ELLUL, Jacques. **Contra los violentos**. Madrid, Ed.SW, 1980. p. 108-10.

Ao falarmos acerca da violência, não podemos calar sobre a dos

"padrões que se aproveitam de sua situação privilegiada contra os operários, a dos 'have' contra os 'have not' e a das relações econômicas no plano internacional, nas relações que mantêm nossas sociedades com as do Terceiro Mundo, relações de exploração, pelas grandes firmas, das riquezas de países que não podem defender-se (...)

(...) À violência com surdina dos dominadores, que mantêm a injustiça, a exploração, o proveito próprio, o desprezo dos demais, corresponde **fatalmente** a violência explosiva dos oprimidos. E o mesmo ocorre com a violência entre as nações poderosas ou débeis, que vêm a fomentar a violência dos indivíduos e dos grupos incluídos nelas."

Id., *ibid.*, p.110-2.

Vinculada à questão da migração-urbanização-violência está a prática da prostituição. A despreparação para o exercício de uma profissão especializada e o analfabetismo fazem com que as possibilidades de emprego sejam escassas para as moças migrantes. Muitas dessas, com essa situação caótica, são "arrastadas" à prática da prostituição. Nesse meio, entram em contato com ladrões e traficantes. Por essa via, geralmente, envolvem-se com o crime. Ao dilema da prostituição acrescenta-se o do menor abandonado. Sendo que os pais têm de trabalhar para manter a sobrevivência da família, a maior parte das crianças das favelas fica jogada à própria sorte. Com isso, muitos são envolvidos por quadrilhas organizadas. Passam a roubar sempre que uma oportunidade lhes apareça. Quando apanhados, são encaminhados às caças de correção, onde aprendem mais rapidamente a malícia criminal, através de convívio com os mais experimentados no crime. É por isso que Bassegio e Gonçalves dirão que "a 'malícia' criminal é diretamente proporcional aos anos de vivência na cidade".

Luiz BASSEGIO e Alfredo GONÇALVES, *op.c.*, p.67.

A cidade, como contexto no qual a violência se dá, é o ambiente em que as contradições e ambivalências do progresso técnico estão mais salientes.

4.5 — Já vimos que o ser produzido pela industrialização, o proletário, é um homem e uma mulher desenraizados. Isso tem a ver com a cultura, com a família, com a saúde (psicossomática e pneumática), ... Não é possível transformar um ser dignificado por Deus (exatamente por ser criado à imagem e semelhança de Deus) em um apêndice da máquina, sem constatar uma profunda desestruturação existencial (se é que esse ser espoliado e dominado ainda possui existência!??), uma despersonalização da personalidade, um bloqueio da criatividade. As atividades monótonas e mecânicas exercidas na indústria, acrescidas do medo e tensão de saber que os empregadores optam pela rotatividade da mão de obra para poderem pagar menores salários, somadas às grandes dificuldades econômicas enfrentadas na luta pela sobrevivência, e adicionadas às condições insalubres de trabalho, são fontes geradoras de todo tipo de patologias. Na vida daqueles que migraram à cidade, o fato de não terem amigos por perto e a desconfiança, que é incutida logo que se chega a uma cidade grande, e que se confirma à medida que percebem a competitividade que se manifesta mais acirrada no novo meio social, são aspectos que levam-nos ao isolamento. Muitas vezes, isso se reforça através da necessidade de trabalhar em turnos alternados de serviço. Tudo isso colabora para que o migrante não crie novas raízes, ou não mantenha suas raízes antigas: interessa que ele seja um ser volúvel, disposto a se deixar levar pelas rajadas de vento lançadas pelo poder econômico; alguém que tenha sua casa sobre as costas, um ser em busca de si mesmo.

O já exposto é suficiente para descrever o cidadão industrializado-urbanizado como carente de saúde. Afetado psicologicamente pelo desenraizamento e destruição de grande parte de sua herança cultural, ele tem sua saúde dilacerada através da desnutrição, da miséria, da falta de esgotos, das poucas horas para repouso, dos acidentes de trabalho, da falta de água potável, da intensa poluição atmosférica, etc. Esse cidadão é um ser destinado a não viver para si mesmo. Sua vida é violentada. Sua saúde lhe é roubada. Ao mesmo tempo, descobre que a parte que mensalmente se desconta — isso quando têm um emprego legalizado — para seguro médico não lhe assegura praticamente nada. Experimenta na carne as conseqüências de um INAMPS corrompido devido às malversações do dinheiro público.

Não é possível, portanto, falar de engajamento social cristão sem ocuparmo-nos com toda a questão da ecologia humana e buscarmos por modelos de articulação de comunidades terapêuticas. Na sociedade brasileira, em que o ter sobrepuja e sufoca o ser, precisamos, urgentemen-

te, resgatar a missão terapêutica da igreja e investir em pessoas vocacionadas a um ministério nessa área. O modelo articulado por Bodelschwingh e a comunidade de Bethel precisa ganhar roupagem tupiniquim. Evidentemente, como em Boldelschwingh, esse modelo não dispensa a luta pela reforma agrária, ou da, tão carente de defensores, reforma urbana. O nosso conceito de reino de Deus tem de comportar o engajamento social integral como sua semente e seu sinal.

4.6 — A relação entre igreja e partido político, como em Stoecker, continua a ser problemática. Por um lado, a experiência demonstrou que a melhor opção não é a criação de partidos políticos cristãos, mas o engajamento dos cristãos nos e através dos partidos existentes. Por outro lado, os partidos têm se dividido em alas: os favoráveis à presença e liderança da igreja no partido e os desfavoráveis a isso, como ocorreu, por exemplo, na escolha do candidato a governador do Rio Grande do Sul para as eleições de 1986 na convenção do Partido dos Trabalhadores.

Por um lado, somos impelidos pelo Evangelho a atuar concretamente na política e sabemos que o partido é instrumento de suma importância para a realização do engajamento social cristão, o que deveria levar ao comprometimento com determinada proposta. Por outro lado, sabemos que a agenda do reino de Deus é prioridade máxima, o que nos leva a questionar determinados aspectos da agenda partidária. O reconhecimento de que a graça de Deus liberta-nos para agir e tira-nos o medo de arriscar é essencial para que saíamos da passividade e desempenhemos nossa função de sal e luz em meio à política, também a partidária.

Como Stoecker, também cremos que a fé cristã implica em conhecimento dos princípios ordenadores da sociedade. Precisamos, portanto, afiar-nos mutuamente nessa busca por instrumentos de análise da realidade social, para que também atuemos concretamente, de forma sábia, na tentativa de reorganização da sociedade, plantando sinais do reino de Deus. Exatamente por essa causa, Stoecker assumiu posições de vanguarda em sua época e contexto, e procurou demonstrar concretamente que pastorado e política necessariamente não se excluem. Precisamos resgatar a visão de sacerdócio geral de todos os crentes, não apenas como ministério de oração, evangelismo e ensino da Palavra, mas **também** como vocação: ser sacerdote de Deus naquele âmbito para o qual fui chamado (também inclui as profissões), o que era intenção de Martinho Lutero. Onde estão as vocações políticas que Deus esperou que houvesse no meio evangélico?

4.7 — A Liga dos Justos traz à tona uma questão crucial para a igreja: o comunismo movido pelo amor. De princípio, ficou-me evidente a correção histórica que precisa ser feita: Carece de fundamento a visão popularizada de que Marx e Engels tenham desprezado a fé cristã unicamente porque não conhecessem cristãos engajados. A opção pelo materialismo ateu, por parte de ambos, foi adotada com conhecimento de cristãos radicais, cuja articulação chegam a cooptar, a fim de usar em proveito próprio para propagação de sua ideologia.

A história do cristianismo perdeu muito com a opção atéia adotada pela Liga, visto que poderia ter despertado outros núcleos cristãos para a mesma causa. Tal experiência não nos deve levar a um pessimismo inativo para com a militância política e para com a articulação de comunidades alternativas. Por outro lado, soa-me como esquizofrênica a filosofia econômica adotada por determinados cristãos socialistas: “Quando chegar o regime socialista no Brasil, então vou abrir mão dos meus imóveis (por sinal, vários)”. O socialismo cristão de sacada — intitulo assim a postura dos socialistas cristãos que não adotaram o estilo evangélico de vida simples — tem se demonstrado completamente ineficaz para despertar a igreja a ser um meio de aplicação social da vida no Espírito: socialização do poder<sup>68</sup>. Tenho a convicção de que a igreja não pode exigir do estado aquilo que ela mesma não está disposta a cumprir. O comunismo cristão primitivo (At 2 e 4) é parte da missão da igreja movida pelo Espírito Santo que precisa ser reassumida hoje, em obediência ao Evangelho. A solução não está em repetir acriticamente a postura de Weitling. Há ajustes que precisam ser feitos, mas o princípio de ter tudo em comum (At 2.44) continua válido como testemunho de que a vontade de Deus é que haja igualdade econômica. Não pode haver justiça sem amor, nem democracia e liberdade sem igualdade econômica. Levante-se, nesse contexto, a questão do anúncio do ano aceitável do Senhor (Lc 4.19). Esse é um aspecto revolucionário da mensagem de Jesus. Faz referência ao “ano do jubileu”, explicado em Lv 25.8-55, o qual determinava que, a cada cinquenta anos, todas dívidas fossem perdoadas (reforma econômica), todas as propriedades retornassem aos verdadeiros donos (reforma agrária e urbana), todas as terras cultivadas passassem por um período de descanso (reforma ecológica).

“O Jubileu representava uma re-atualização da experiência do Êxodo (libertação e saída de escravos) e de Josué (entrada e re-

---

68 — Adoto o conceito cunhado na consulta teológica do grupo dos teólogos do mundo dos Dois Terços. Cf. VIDA no Espírito. **Boletim Teológico**, São Leopoldo (4):65, set. - dez. 1984.

partição justa da terra a toda família). A lei do ano do jubileu era necessária porque a opressão dos pobres pode ser promovida por uma oligarquia de ricos nacionais e não somente por poderes estrangeiros. As implicações econômicas e sociais do ano do Jubileu são verdadeiramente revolucionárias, posto que sua fiel observância evitaria o desenvolvimento de extremos de pobreza e riqueza numa sociedade agrícola."<sup>69</sup>

Cristo, ao retomar uma temática antiga, mostra, com isso, que Deus, efetivamente, quer justiça e redistribuição, o que é muito mais do que mera caridade assistencialista.

Por outro lado, a Liga, sob a liderança de Wetling, mostra a possibilidade da pluralidade engajada em torno de uma plataforma comum de comunismo de amor. Não é, até então, patrulha ideológica, que forçosamente expulsa os diferentes, como virá a se tornar sob Marx e Engels. Essa é a tentação que os cristãos sofrem em meio à política partidária: o maniqueísmo que leva à desconsideração pelas diferentes opções, a inquisição por sobre as tidas como "heresias" políticas, o stalinismo político "cristão", enfim, a absolutização dos relativos e a relativização dos absolutos.

Somos chamados a continuar sonhando com a evangelização do mundo em nossa geração e com o despertar da igreja para o engajamento social, no sentido assistencial-promocional, terapêutico, político e comunal: "Tudo é possível àquele que crê" (Mc 9.23). A Palavra de Deus cria a partir do nada (Gn 1). Que o Espírito, que sopra onde quer, arrebe as janelas de dobradiças enferrujadas de nossas denominações e que os ossos secos recebam nova vida. O Espírito Santo não joga os ossos fora, mas vivifica-os (Ez 37). Amém!

---

69 — HANKS, Tomás. **Opressão, pobreza y liberación**; reflexiones bíblicas. San José, Publicaciones Celep, 1982. p. 167.